



XII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



20 a 22 de Setembro de 2018 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: **12/08/2018**

Aprovado em: **14/08/2018**

Editor Respo.: **Veleida Anahi - Bernard Charlort**

Método de Avaliação: **Double Blind Review**

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2018.12.13.18>

DIÁLOGOS SOBRE A EVASÃO ESCOLAR: O DIRECIONAMENTO CURRICULAR COMO ELEMENTO DE IDENTIFICAÇÃO NO ENSINO-APRENDIZAGEM

EIXO: 13. CURRÍCULO ESCOLAR, GESTÃO, ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

REINALDO BATISTA DOS SANTOS, JANINE OLIVEIRA CARDEAL

RESUMO

Neste artigo problematizamos a evasão escolar enquanto fenômeno complexo, dinâmico e cumulativo, discutindo o direcionamento curricular como elemento de identificação no ensino-aprendizagem. Refletimos sobre pontos que atravessam o currículo no ambiente escolar. Teoricamente apresentamos os estudos de Santos (2010), Costa (2000), Ferreira (2013), Silva(2010), Pelissari (2012) e Johann (2012), dentre outros. A temática tem sido desenvolvida nas discussões no interior do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Alagoas. Conclusivamente apontamos que a evasão escolar tem sido alvo de políticas que não se sustentam, pois estas não trabalham a complexidade dos princípios e dos elementos causais concernentes a tal fenômeno educacional.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de discussões realizadas no minicurso fomentado no SBPC na UFAL em 2018. Para tal, realizou-se estudos teóricos e pesquisas acerca do tema evasão escolar, inclusive, utilizou-se como fonte de dados uma pesquisa[i] do mestrado efetivada por um dos autores deste artigo. Mas, antes de tratarmos sobre as análises da pesquisa, iremos abordar discussões e trazer estatísticas referentes a evasão escolar nos últimos anos.

O interesse em estudar sobre essa temática se deu pelo fato de a discussão poder dar visibilidade a um tema bastante preocupante em nosso país, especialmente no nosso Estado de Alagoas que tem um índice de evasão escolar alarmante. Nesse sentido, é preciso debater cada vez mais as causas e consequências do afastamento das crianças, jovens, adultos e idosos da escola. O afastamento dos alunos da escola acarreta histórias, experiências e motivos diversas. Motivos estes que, enquanto professores e pesquisadores, é preciso ter um olhar atento e singular as necessidades e interesses desses sujeitos.

Assim, a decisão de trazer à tona uma questão bastante preocupante tem a ver com a necessidade de pode também trazer estudos teóricos, tais como de Boaventura de Souza Santos (2010) que discute acerca do pensamento moderno ocidental, de Costa (2000), Silva(2010) Pelissari (2012) e Johann (2012), que nos ajudam a compreender o termo evasão num sentido amplo, do ponto de vista curricular e como um fenômeno social.

Porém, não podemos ter uma visão ingênua sobre evasão escolar, uma vez que é importante levar em consideração os diferentes motivos e causas que acarretaram o afastamento escolar do estudante. Desse modo, apontamos alguns desses fatores, a saber: violência, trabalho/emprego, condições de acesso, gravidez e desinteresse. O que nos interessa aqui é justamente discutir esse último fator, sem deixar de levar em consideração os diferentes motivos da evasão escolar.

Nesse sentido, este artigo está estruturado da seguinte forma: Inicialmente discutiremos sobre as diferentes causas da evasão escolar. Logo após, desdobaremos a discussão para quais as causas da falta de interesse dos estudantes, assim, dialogando sobre o currículo escolar e suas teorias. Ainda abordaremos análises de falas de trabalhadores acerca de sua evasão escolar, apontando quais as causas desse afastamento. Por fim, tecemos nossas considerações finais.

1. AS DIFERENTES CAUSAS DA EVASÃO ESCOLAR: APONTAMENTOS

Dialogar a respeito da temática da evasão escola é uma atividade que exige um olhar sobre a própria construção da terminologia, visto que sob a mesma ainda se abriga certa imprecisão conceitual. Essa

incerteza em torno do termo pode ser percebida entre os pesquisadores e estudiosos da área (RIFFEL;MALACARNE, 2010; PELISSARI, 2012; FERREIRA, 2013; JOHANN, 2012; MACHADO, 2009), que com rigor têm se debruçado para ampliar a compreensão acerca da temática.

A esse respeito Johann considera que

a evasão é um fenômeno caracterizado pelo abandono do curso, rompendo com o vínculo jurídico estabelecido, não renovando o compromisso ou sua manifestação de continuar no estabelecimento de ensino. Esta situação de evasão é vista como abandono, sem intenção de voltar, uma vez que não renovando a matrícula rompe-se o vínculo existente entre aluno e escola (JOHANN, 2012, p. 65).

Entretanto não é consenso entre os estudiosos essa questão. A imprecisão conceitual tem se configurado como um desafio a ser superado entre os estudiosos, posto que afeta diretamente a investigação sobre as causas e princípios de tal fenômeno, dificultando assim a análise e proposição de alternativas claras e objetivas para trabalhar a questão problemática.

Destarte, dentre os esforços realizados pelos estudiosos está o de definir o que se entende por evasão escolar, bem como diferenciá-la de outros fenômenos que desdobram-se no cenário educacional. As diversas formas de interpretação não possibilitam a definição precisa do fenômeno evasão escolar, tampouco de diferenciá-lo do abandono ou afastamento escolar, por exemplo.

A distinção entre esses fenômenos foi abordada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira(INEP) no ano de 1998. A referida instituição tratou como abandono escolar os casos em que o afastamento da escola ocorre, entretanto nos anos posteriores o aluno retoma o vínculo com a escola. Assim, evasão foi interpretada como as situações em que o aluno não retornou ao sistema oficial de ensino.

Diferentemente dessa concepção, as pesquisas realizadas por meio do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) no ano de 2012, considera que o abandono escolar ocorre nas situações em que o aluno passa a não frequentar as atividades escolares sem solicitar transferência.

O termo evasão escolar refere-se ao ato de escapar de algo, implica fuga, desvio para se evitar aquilo que não se deseja e que, portanto, foi rejeitado. Partindo da compreensão da palavra pode-se que o fenômeno da evasão escolar é percebido à medida que o aluno abandona a escola, desistindo de prosseguir com seus estudos. Esta ação causa nos demais atores envolvidos neste processo a impressão que o aluno está fugindo da escola por não desejá-la mais ou rejeitá-la como se ela oferecesse algo que ele prefere rejeitar (MACHADO, 2009, p. 36).

A esse respeito, o autor acrescenta que é necessária sensibilidade para identificar as causas que se desvelam no cenário educacional que corroboram para a ocorrência do fenômeno. É preciso que observemos com cuidado as problemáticas que produzem a evasão escolar, a fim de que possamos compreender a complexidade dos diversos fatores que culminaram no abandono escolar.

Em meio as discordâncias a respeito da definição sobre de fato o que se configura como evasão escolar, estudos como os de Pelissari(2012) corroboram para que ampliemos a nossa compreensão sobre a questão, vez que em suas análises o termo evasão escolar e interpretado como um ato solitário, uma espécie de decisão única do aluno, impondo apenas sobre este a culpa pela descontinuidade do estudo escolar.

De acordo com Pelissari (2012) seria mais apropriado utilizar o termo abandono escolar, pois trata-se de observar os fatores associados e recorrentes que acabaram culminando no processo de

rompimento do vínculo institucional. Nessa perspectiva o estudo da evasão ou abandono escolar corresponde a não mais responsabilizar o aluno ou motivos externos que impulsionaram o afastamento, mas a observar a questão enquanto fenômeno que precisa ser mais bem analisado e interpretado.

Sobre a questão Pelissari ainda acrescenta que

podemos categorizar a questão como um “abandono dentro da própria escola”, algo que materializa a própria crise da escola. O aluno continua frequentando as aulas de maneira formal e, inclusive, fazendo o jogo imposto por essa formalidade (entregando trabalhos, frequentando os estágios, respondendo a chamada etc.); entretanto, por diversos fatores, dentre eles os mesmos que conjugam o abandono, ele não se interessa pelos conteúdos, frequenta a instituição simplesmente para obter o diploma e, em alguns casos mais relacionados ao desempenho escolar (PELISSARI 2012, p. 213).

Nesse sentido, o autor nos apresenta a possibilidade de refletir sobre o fracasso escolar que ocorre mesmo quando os sujeitos permanecem matriculados nas instituições de ensino, entretanto sem perspectivas quanto ao seu envolvimento e significado da escola.

As análises de Ferreira (2013) também contribuem para a reflexão em torno da temática, posto que denomina a evasão escolar como o fracasso das relações sociais que se expressam na realidade desumana do aluno. A partir dos seus estudos podemos perceber que as práticas institucionais não raras vezes se apresentam como processos desumanizadores, a ponto de ser um reflexo das relações desiguais e fracassadas da sociedade.

A partir da leitura dos estudos de Machado (2009) é possível compreendermos a evasão escolar também como um fracasso escolar. De acordo com o autor tratar sobre evasão é tratar sobre fracasso, posto que se o sujeito não obteve êxito em sua trajetória na escola, pois foi interrompida.

Tratar de evasão escolar é tratar de fracasso escolar; o que pressupõe um sujeito que não logrou êxito em sua; trajetória na escola. Este insucesso vai produzir no sujeito um sentimento de fracasso, independente do nível escolar em que esteja, pois ao evadir-se da escola ele vê frustradas suas expectativas iniciais (MACHADO, 2009, p. 36).

A questão que é central no presente estudo é o objetivo de compreender a evasão escolar ou abandono escolar enquanto um fenômeno complexo que assim como é trabalhoso defini-los, mais ainda é identifica-lo como consequência de um único problema. Nesse sentido, compreendemos que uma diversidade de fatores associados pode então, culminar no rompimento do vínculo escolar.

Neste sentido, compreendemos a evasão escolar como um processo complexo, dinâmico e cumulativo que culmina no desligamento do estudante, e esse afastamento se configura somente como estágio final, relacionado a diversos outros fatores e questões problemáticas educacionais.

1. FALTA DE INTERESSE (DESINTERESSE): DIALOGANDO SOBRE AS TEORIAS DO CURRÍCULO

É preciso dizer que a escola tem um papel fundamental no que tange a sua função educadora. Será que a escola está desenvolvendo sua função Em busca de uma educação crítica, transformadora e emancipatória O que fazer quando os alunos não se reconhecem como protagonista da escola Que currículo é este que apaga a voz do alunado São tantas indagações quando se trata da relação escola, aluno, evasão, currículo. O curioso nisso tudo é que cada vez mais os alunos não se

interessam pelo espaço escolar. Por que será que isso acontece Por que tanto desinteresse São sobre essas indagações que este tópico tentará discutir, não para encontrar soluções, mas para problematizar.

É esse nosso papel enquanto educador: problematizar a realidade a afim de construir novas possibilidades. Acreditar que para além do paradigma atual, há sempre um novo jeito de caminhar. E somos nós educadores que construímos novos caminhos, novas possibilidades de fazer e criar o novo. São nesses momentos que precisamos questionar o currículo escolar que nos é imposto. Mostrar para educandos que para além de sua realidade, existem outras realidades. E são essas outras realidades que eles precisam conquistar. Enxergar para além do que é dito no currículo escolar.

Nesse sentido, é importante discorrer sobre as teorias do currículo. Pois para compreendermos o que é currículo precisamos entender as suas teorias. São essas teorias que atravessam o ambiente escolar.

De acordo com a história, em meio a essa “fervura” de debates sobre o currículo que foram discutidos por diversos teóricos e autores, três teorias curriculares são clássicas, um vez que são essas teorias que abarcam uma compreensão mais acentuada sobre a noção de currículo, a saber: Teorias tradicionais, teorias críticas e teorias pós-críticas. Vale deixar claro que tais teorias foram classificadas pelo autor Tomaz Tadeu da Silva[iii].

As teorias do currículo “nascem” com o modelo de currículo proposto por Bobbit em 1918, no qual estava voltado claramente para economia. Na perspectiva de Bobbit, a questão do currículo se transforma numa questão de organização. O currículo é simplesmente uma mecânica (SILVA, 2010, P. 24).

Assim, as teorias tradicionais começaram a emergir com a publicação em 1918 do livro *The curriculum*, de Bobbit. Este livro estabeleceu o currículo como um campo de estudos. Entretanto, tal campo só ganhou notoriedade com a publicação do livro *Princípios básicos de currículo e ensino*, escrito por Ralph Tyler em 1974 (Silva, 2011).

As teorias tradicionais no currículo se firmaram com o modelo sugerido por Tyler (1949), que tinha uma visão similar quando se tratava do currículo, pois para ele o currículo deveria voltar suas questões para organização, buscando inclusive, um bom desenvolvimento. Tanto Bobbit quanto Tyler visavam o currículo escolar numa visão tecnicista e burocrática, deixando de lado as outras dimensões que permeiam o espaço escolar. Isto é, na perspectiva de Bobbit e Tyler para a organização do currículo era extremamente técnica, frisava a definição de objetivos, a transmissão de conteúdo definidos e na memorização passiva desses conteúdos por parte do aluno. Desse modo, aprendizagem se dava de forma mecânica, visto que os alunos eram considerados sujeitos passivos no ensino-aprendizagem.

Nas décadas de 60 para 70 começam a surgir as teorias críticas do currículo. Mas, afinal, que teorias são essas Nas palavras de Silva:

As teorias críticas do currículo efetuam uma completa inversão nos fundamentos das teorias tradicionais. Como vimos, os modelos tradicionais, como o de Tyler por exemplo, não estavam absolutamente preocupados em fazer qualquer tipo de questionamento mais radical relativamente aos arranjos educacionais existentes, às formas dominantes de conhecimento ou, de modo mais geral, à forma social dominante. Ao tomar o status quo como referência desejável, as teorias tradicionais se concentravam, pois, nas formas de organização e elaboração do currículo. Os modelos tradicionais de currículo restringiam-se à atividade técnica de como fazer o currículo. As teorias críticas

sobre o currículo, em contraste, começam a colocar em questão precisamente os pressupostos dos presentes arranjos sociais e educacionais. As teorias críticas desconfiam dos status quo, responsabilizando-o pelas desigualdades e injustiças sociais. As teorias tradicionais eram todas de aceitação, ajuste e adaptação. As teorias críticas são teorias de desconfiança, questionamento e transformação radical (SILVA, 2010, p. 29).

Neste contexto as teorias do currículo preocupam-se com questões que vão além do tecnicismo, da burocrática. Preocupam-se, então, com os aspectos dos contextos histórico, social, cultural, econômico e político. Assim, pergunta-se: como fica a educação nesse processo? Diversos livros, ensaios, teorias surgiram com intuito de questionar as teorias tradicionais do currículo, a saber: 1970 – Paulo Freire. *A Pedagogia do Oprimido*; 1970 - Louis Althusser. *A ideologia e os aparelhos ideológicos de Estado*; 1970 – Pierre Bourdieu e Jean - Claude Passeron. *A reprodução*; 1976 – Michael Apple. *Ideologia e Currículo*, dentre outros. Todos esses teóricos e pesquisadores questionavam o *status quo* do currículo, direcionando seus olhares críticos sobre as iniquidades sociais e as injustiças que excluem por meio dos atos de currículo.

Vale dizer que na década de 1990, surgiram novas miragens teóricas na arena de discussão do currículo. Tomaz Tadeu da Silva denominou como teorias pós-críticas do currículo, que se estabeleceram a partir do pensamento pós-moderno. No pano de fundo dessa discussão se encontra o multiculturalismo. Abarca um movimento que debate temas relacionados a diferença entre os sujeitos. Ou seja, se começa a pensar nas questões da singularidade do aluno, que o educando é um ser singular que possui subjetividades diferentes e devem ser respeitadas. Assim,

(...) Por um lado, o multiculturalismo é um movimento legítimo de reivindicação dos grupos culturais dominados no interior daqueles países para terem suas formas culturais reconhecidas e representadas na cultura nacional. O multiculturalismo pode ser visto, entretanto, também como uma solução para os “problemas” que a presença dos grupos raciais e étnicos coloca, no interior daqueles países, para a cultura nacional dominante. (SILVA, 2010, p.85).

Nesse sentido, percebemos que as teorias pós-críticas assinalaram, desta forma, para questões como identidade, discurso, alteridade, diferenças, subjetividade, significação, saber/ poder, representação cultural, gênero, raça, etnia e sexualidade.

É necessário pensar sobre essas teorias no âmbito escolar. De fato, essas teorias discutidas anteriormente perpassa o universo escolar. Não raro, escutamos a insatisfação do aluno com a escola. Nisso, parece que a escola não se preocupa com os seus sujeitos. E isto, certamente, causa um afastamento desses alunos. É como se a escola não valorizasse os saberes que os sujeitos trazem para o espaço da sala de aula. Daí é preciso aceitar a diferença, valorizá-la e, sobretudo, ter o compromisso de assumir uma postura ética e política perante a diferença.

1. AS REALIDADES DAS ESCOLAS E A RELAÇÃO COM A EVASÃO ESCOLAR

Quando se discute exclusão é, de certo modo, uma preocupação para todos nós educadores. De fato, falar em exclusão é dialogar, sobretudo, acerca da inclusão, pois os sujeitos são excluídos devido a inexistência de inclusão no ambiente escolar, na sociedade em geral. Os excluídos, são os sujeitos marginalizados do processo ensino-aprendizagem. São aqueles que, de alguma forma, são considerados sujeitos destituídos de saberes. Diante disto, indagamos: Como podemos trabalhar

educação e classe social (numa perspectiva inclusiva) numa escola (ou instituição) que almeja estar verdadeiramente a serviço das classes populares, buscando, sobretudo, diminuir a evasão escolar

Tratar a respeito da realidade escolar, exige primeiramente um esforço para que compreendamos a amplitude das realidades escolares em meio à extensão de um sistema educacional nacional. Logo, é preciso que tenhamos clareza de que estamos tratando aqui sobre as realidades. A pluralidade do termo está aqui relacionada às diversas especificidades e singularidades das realidades das escolas brasileiras.

A bibliografia produzida, nos últimos anos, sobre os problemas em vários países e também no Brasil é extensa e denuncia de maneira contundente a baixa qualidade educacional oferecida pelos sistemas escolares. Há grande número de pesquisas demonstrando que a indisciplina em sala de aula, as precárias condições de trabalho do professor - que assumem também a forma de despreparo profissional para a organização do conteúdo escolar e dos procedimentos didáticos -, o baixo *status* profissional, a baixa remuneração do serviço prestado e as dificuldades para enfrentar eficazmente as características apresentadas pelo corpo discente significam entraves à realização dos ideais propostos para a escola, sobretudo para a escola pública. Todos esses fatores contribuem para a produção do fracasso escolar e da baixa qualidade do ensino, agravados, no Brasil, pelos alarmantes índices de evasão e repetência (MARIN, 1998, p. 8).

Não pretendemos tomar como referência uma especificidade e torná-la referencial para toda a diversidade escolar. Na realidade reconhecemos que existe no cenário educacional uma sucessão de fatores intrínsecos e extrínsecos que relacionados corroboram para produzir e agravar os índices de evasão escolar.

Sobre essa questão Machado (2009) acrescenta que

Evadir-se da escola pode ser uma ação provocada por inúmeros fatores, mas vem na maioria das vezes acompanhada de sentimentos de derrota, de incapacidade principalmente quando o fato se dá em decorrência de reprovação ou até mesmo para evitar sua constatação iminente e inevitável (MACHADO, 2009, p 38).

Nesse sentido, percebemos que o processo de abandono escolar está relacionado a questões que afetam diretamente os sujeitos no modo como se percebem dentro e fora do contexto escolar. O problema da evasão preocupa justamente por se tratar de fatores que associados culminam no abandono das instituições de ensino, bem como pode interferir no modo como esse sujeito irá se colocar nas relações sociais.

No que corresponde aos aspectos internos podemos elencar alguns dos principais fatores que tem se relacionado com o afastamento escolar, a saber: as sucessivas reprovações, defasagens na idade-série do aluno, o excesso de conteúdos em meio a um currículo sem significado, restrição da identidade dos alunos (currículo oculto excludente), violência na escola, inclusão precária e condições de acesso.

As questões acima relacionadas não ocorrem isoladamente, é preciso que percebamos que há uma relação entre esses fatores e é justamente em meio a essa associação que desdobram-se a dinamicidade e a complexidade do fenômeno evasão escolar. Não podemos deixar de pensar, por exemplo, que a reprovações não tem relação com nenhuma outra questão. O fato de um aluno ser reprovado sucessivamente e enxergado apenas como uma responsabilidade do próprio educando revela uma compreensão ingênua da realidade. Vez que a reprovação pode estar relacionada com a

falta de frequência dos alunos devido às condições de acesso, ou ainda com um currículo sem significado para os sujeitos.

São essas relações que nos instigam a pensar nesse momento que a evasão escolar é um fenômeno educacional que nos aponta para enxergar problemáticas que estão intrinsicamente relacionadas com o espaço escolar. Analisar o abandono escolar diz respeito a compreender, sobretudo, as relações internas desse ambiente, perceber problemáticas que remetem ao afastamento dos alunos.

Ademais os fatores extrínsecos também precisam ser observados quando se pretende compreender a complexidade do fenômeno supracitado. Questões como a violência social, as drogas quer sejam elas lícitas ou ilícitas, relações familiares, gravidez, saúde e mercado de trabalho estão intimamente associadas a evasão, precisam ser observadas não apenas isoladamente como justificativa para o abandono escolar.

É preciso refletir sobre esses aspectos externos e a sua relação com as questões internas da escola, posto que não é suficiente justificar a evasão como uma consequência de um fator externo, desresponsabilizando a escola e culpabilizando o aluno ou as condições sociais na qual ele está inserido.

Nesse sentido, não é o nosso interesse culpabilizar um sujeito, mas ressaltar que a escola não pode se ausentar do seu compromisso que é, sobretudo, social. Ou seja, a escola que afirma ter uma função social não pode negar-se quanto ao cumprimento do seu papel. Se a escola é reconhecida pela sua atuação social não pode se abster de um problema externo, posto que ela se relaciona em sua função com tais questões.

A gravidez na adolescência é um dos fatores que tem intensificado os índices de evasão escolar. As instituições de ensino não precisam apenas trabalhar para esclarecer as consequências da problemática para os estudantes e supor que dessa forma cumpriu seu papel de difundir o conhecimento. Em meio a essas situações de elevação do número de adolescentes grávidas a escola precisa se reestruturar internamente para lidar com essa situação, reconhecendo que se trata de uma problemática social que interessa a escola.

Portanto, é necessário pensar nos meios como a instituição irá atuar sobre a questão. A função social diz respeito a não apenas diagnosticar, mas atuar sobre a realidade com a intenção de contribuir para a sua transformação, ainda que seja minimizando as problemáticas sociais.

Destarte, a evasão e o abandono escolar estão longe de serem problemas relacionados exclusivamente aos aspectos individuais dos sujeitos e sua família, ou ainda das comunidades nas quais estão inseridos. Na realidade são reflexos da forma como a escola recebe e exerce ação sobre os sujeitos dos diferentes segmentos da sociedade com as suas diversas identidades culturais.

Ribeiro (1991) aborda em seus estudos a “Pedagogia da Repetência” vivenciada nos anos 80, na qual a escola atribuía aos alunos a culpa pelo seu fracasso na escola, mostrando que a repetência nos quatros primeiros anos era tão excessiva que os alunos desmotivados abandonavam a escola.

Em meio a essa Pedagogia da repetência a responsabilidade não era da escola, nem do seu currículo, nem das relações que se estabeleciam no espaço, tampouco do ensino. A culpa era direcionada ao aluno que era o sujeito que não conseguia se adaptar, se submeter ao padrão, ou ainda em uma linguagem pedagógica do período, não conseguia desenvolver o seu aprendizado.

Sobre essa questão Vasconcellos (1996) afirma que a condição para haver ensino é a aprendizagem. É uma relação direta e condicional de existência, na qual um existe para o outro e é justamente em meio a essa relação que está posto o papel social da escola, que é o comprometimento com os sujeitos.

A escola enquanto instituição contemporânea que possui uma função social, não está para um grupo de herdeiros Bourdieu e Passeron (2008). Cada aluno possui o seu arcabouço intelectual e cultural. Olhando para essa diversidade Rumberger (1995) afirma que a evasão é um processo complexo dinâmico e cumulativo de saída do estudante do espaço escolar. Em nosso olhar, esse desligamento é somente o estágio final desse processo.

Ferreira (2013) nos ajuda a pensar o processo da evasão escolar observado a partir de três fatores determinantes. O primeiro dele diz respeito à própria escola, que nesse sentido pode não ser atrativa, ou configurar uma postura autoritária ter em seu quadro profissionais despreparados insuficientes ou ainda sem motivação para propor mudanças significativas no currículo com o intuito de atrair os alunos. Outro fator apresentado é o aluno que de acordo com a autora pode encontrar-se desinteressado, indisciplinado, enfrentando questões de saúde. O terceiro aspecto corresponde a questão social, que envolve a necessidade de entrar no mercado de trabalho, a violência na comunidade ou mesmo entre os alunos, drogas entre outros.

Fato é que a evasão escolar não pode mais ser observada apenas por um aspecto, desconsiderando que o abandono escolar é um fenômeno que se relaciona inclusive com as condutas excludentes que são vivenciadas diariamente no espaço educacional. Portanto, é necessário que o diálogo seja cada vez mais crítico e aprofundado, a fim de que possamos superar o entendimento superficial da problemática.

1. ANÁLISE SOBRE EVASÃO ESCOLAR: A EXCLUSÃO ESCOLAR SOFRIDA DOS TRABALHADORES DE LIMPEZA DA UFAL (JANINE E REINALDO)

Trazemos neste tópico a pesquisa de mestrado de um dos autores deste artigo para discutirmos a evasão escolar. Esta pesquisa coloca em relevo os sujeitos – trabalhadores barrados na sua trajetória escolar ou com passagens intermitentes pela escola. E aqui estamos falando dos trabalhadores de limpeza e conservação, que realizam suas atividades laborais numa universidade pública federal.

No que diz respeito a caminhada escolar dos trabalhadores, percebemos diferentes fatores que impulsionaram para acarretar a evasão escolar desses sujeitos. Segue abaixo um quadro na qual revela a trajetória escolar desses funcionários de limpeza de uma Universidade em Maceió:

QUADRO – TRAJETÓRIA ESCOLAR DOS TRABALHADORES

TRAJETÓRIA ESCOLAR	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
CONCLUIU O ENSINO MÉDIO	10	28,6%
NÃO CONCLUIU O ENSINO MÉDIO	23	65,7%
NÃO FREQUENTOU A ESCOLA	12	5,7%
TOTAL	35	100%

Vale ressaltar que foram entrevistados 35 trabalhadores. Assim, é importante analisar o quadro e verificar que a maioria não concluiu o ensino médio. Ou seja, 65,7% não concluiu o ensino médio e 5,7% não frequentou a escola. Nem se quer chegou no ensino médio. E isto ocorreu por diversos causas, conforme relata Carlota, a sua dificuldade de ir para escola na época de infância:

Saia do sítio para ir ao outro sítio... eu repeti a 4ª série duas vezes...porque era distante. Mas, não era porque eu não passava, era porque eu não ia pra aula era distante naquela época eu não ia sair sozinha, senão eu tinha feito duas faculdades...eram porque eu era inteligente, viu! Eu era! (CARLOTA,

2014)

Não somente Carlota desistiu de estudar, mais também Dulce, e por outro motivo:

Quando estudava na 7 série, a professora fez um ditado para avaliação...e eu escrevi errado a palavra jardim e Pernambuco...engoli o “m” da palavra Pernambuco e engoli “r” da palavra jardim...essa era a última avaliação do ano, aí fui reprovada (D. DULCE, 2014).

Percebemos por esta fala de Dulce, como a escola foi “cruel”, exercendo, de certa forma, uma atitude violenta. Simbólica. Dessa forma, fica evidente que a escola (a partir de sua proposta curricular) tem a função de disciplinar os educandos, em um quadro que pode ser interpretado como de violência sobre o corpo, para torná-los homogêneos e úteis, a partir da cobrança de conteúdo decorativo, que muitas vezes, não fazem sentido com/para realidade daqueles sujeitos e isso resulta em sua evasão escolar. Foi o que aconteceu também com Isabel:

Isabel, quanto é 3 vezes 6, Isabel – (perguntou o professor). Sei não professor- (disse Isabel). Isabel, você não sabe Não acredito! Sei não professor- (repetiu Isabel envergonha e constrangida). Depois disso, eu fiquei com vergonha de ir na escola, todos na sala riram de mim, porque eu não sabia quanto era 3 vezes 6. Até hoje recordo...Ele(professor) pedia para a gente decorar a tabuada (D. ISABEL, 2014)

Isto nos faz refletir acerca do que Bourdieu e Passeron (2008) expõem sobre a ação pedagógica, nomeando tais atitudes como violência simbólica, o que contribui para a dominação das classes dominantes, inculcação pela ação dominada de conhecimento, dos quais a ação pedagógica dominante define o valor sobre o mercado econômico ou simbólico.

CONSIDERAÇÕES

A temática da evasão escolar não se configura como uma questão recente, entretanto o seu debate permanece sendo atual, posto que na contemporaneidade os dados sobre o abandono escolar continuam a preocupar a sociedade brasileira. Na realidade a problemática angustia todos os envolvidos no processo educacional, posto que é uma dificuldade no sistema educacional que está longe de ser superada, entretanto temos avançado em compreendê-la.

Ademais o abandono escolar tem sido alvo de propostas educacionais confusas que constantemente são interrompidas e vazias de sentido quanto ao ensino, logo remetendo a uma aprendizagem precarizada de significado. É necessário construirmos um lugar novo, que de ato permita a expansão das potencialidades humanas e emancipação do coletivo.

As reflexões acerca da temática se apresentam como movimentos imprescindíveis para que possamos romper com uma consciência ingênua da realidade e assim avançar na busca pela compreensão das relações educacionais e políticas que se desenvolvem no cenário social brasileiro.

É preciso que nos preocupemos com nossos alunos. Problematizar e refletir sobre as causas da evasão escolar. De acordo com Freire (2005, pag. 90) “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.” Assim, é necessário dar visibilidade a(s) história(s) dos alunos, e ao mesmo tempo, conhecer a leitura de mundo que cada um possui, suas especificidades, seus sonhos, seus desejos, uma vez que é no diálogo, do ponto de vista freireano, que os sujeitos expressam suas opiniões, seus anseios e esperanças.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. **Educação e exclusão da cidadania**. In: BUFFA, Ester. Educação e cidadania: quem educa o cidadão. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis: Vozes, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. São Paulo: Vozes, 2007.

FERREIRA, F. A. **Fracasso e evasão escolar**. 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MACHADO, Márcia Rodrigues. **A evasão nos cursos de agropecuária e informática/nível técnico da Escola Agrotécnica Federal de Inconfidentes** (MG, 2002 a 2006). 2009. 131 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da UNB, Brasília, DF, 2009.

MARIN, Alda Junqueira. **Com o olhar nos professores: Desafios para o enfrentamento das realidades escolares**. Cadernos CEDES, 19(44), 8-18, 1998.

PELLISSARI, L. **O fetiche da tecnologia e o abandono escolar na visão de jovens que procuram a educação profissional técnica de nível médio**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

RUMBERGER, R.; LIMA, S. A. **Why students drop out: a review of 25 years of research**. California Dropout Research Project, Policy Brief 15, University of California, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação: do “é proibido reprovar” ao “é preciso ensinar”**. Conferência proferida no Seminário sobre as Práticas Avaliativas nas Primeiras Séries das Escolas públicas, Caied – Coordenadoria de Avaliação e Inovação Educacional, Série Estudos, Pesquisas, Inovações. Fortaleza, 1996.

DOUTORANDO PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. MESTRADO EM EDUCAÇÃO E PEDAGOGIA LICENCIATURA TAMBÉM PELA UFAL. INTEGRANTE DO GRUPO DE PESQUISA SOBRE ESTADO, POLÍTICAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO – GEPE. E-MAIL: BATISTAREINALDO0389@GMAIL.COM

DOUTORANDA PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. MESTRADO EM EDUCAÇÃO E PEDAGOGIA LICENCIATURA TAMBÉM PELA UFAL. INTEGRANTE DO GRUPO DE PESQUISA SOBRE ESTADO, POLÍTICAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO – GEPE. E-MAIL: NINECARDEAL@GMAIL.COM.

[i] PESQUISA REALIZADA EM 2015/2016 SOBRE A INVISIBILIDADE DOS TRABALHADORES DE LIMPEZA E CONSERVAÇÃO DA UFAL, DE AUTORIA DE REINALDO BATISTA DOS SANTOS.

[ii] AUTOR DO LIVRO “DOCUMENTOS DE IDENTIDADE: UMA INTRODUÇÃO ÀS TEORIAS DO CURRÍCULO.”

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. **Educação e exclusão da cidadania**. In: BUFFA, Ester. Educação e cidadania: quem educa o cidadão. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis: Vozes, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. São Paulo: Vozes, 2007.

FERREIRA, F. A. **Fracasso e evasão escolar**. 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MACHADO, Márcia Rodrigues. **A evasão nos cursos de agropecuária e informática/nível técnico da Escola Agrotécnica Federal de Inconfidentes** (MG, 2002 a 2006). 2009. 131 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da UNB, Brasília, DF, 2009.

MARIN, Alda Junqueira. **Com o olhar nos professores: Desafios para o enfrentamento das realidades escolares**. Cadernos CEDES, 19(44), 8-18, 1998.

PELLISSARI, L. **O fetiche da tecnologia e o abandono escolar na visão de jovens que procuram a educação profissional técnica de nível médio**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

RUMBERGER, R.; LIMA, S. A. **Why students drop out: a review of 25 years of research**. California Dropout Research Project, Policy Brief 15, University of California, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação: do “é proibido reprovar” ao “é preciso ensinar”**. Conferência proferida no Seminário sobre as Práticas Avaliativas nas Primeiras Séries das Escolas públicas, Caied – Coordenadoria de Avaliação e Inovação Educacional, Série Estudos, Pesquisas, Inovações. Fortaleza, 1996.

[1] PESQUISA REALIZADA EM 2015/2016 SOBRE A INVISIBILIDADE DOS TRABALHADORES DE LIMPEZA E CONSERVAÇÃO DA UFAL, DE AUTORIA DE REINALDO BATISTA DOS SANTOS.

[1] AUTOR DO LIVRO “DOCUMENTOS DE IDENTIDADE: UMA INTRODUÇÃO ÀS TEORIAS DO CURRÍCULO.”